



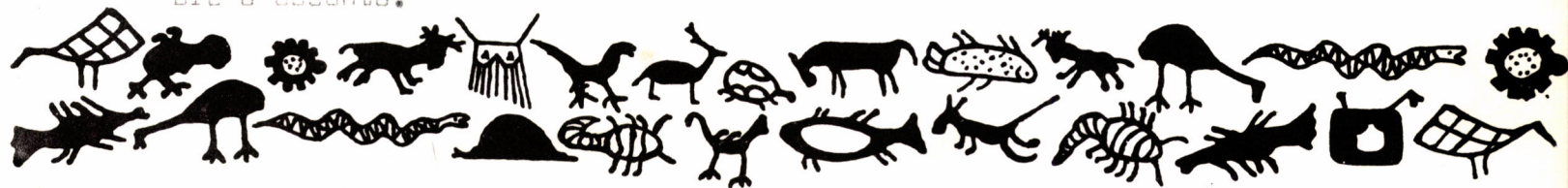
rua mato grosso, 412  
01239 - são paulo - brasil



RELATÓRIO DE VIAGEM AOS INDIOS SURUÍ

Como o "Orçamento de Emergência" a ser enviado pelos índios Suruí não chegara, resolvemos em reunião do Centro de Trab. Indigenista no dia 12 de abril de 1981 em São Paulo, a deslocarmos para a aldeia / a fim de em reunião com os líderes daquela comunidade decidirmos onde aplicar a verba disponível para prosseguimento do Projeto Suruí, tendo em vista os trabalhos iniciais de preparação da safra de castanha (abertura de ramais, construção de mata burros, etc) e uma inicial coleta de 500 (quinhentos) hectolitros terem sido executados com recursos próprios (tomaram emprestado da Funai Cr\$109.000,00 e Cr\$65.000,00 do chefe de posto, além de venderem um lote de mogno e cedro. Ver carta de Iera Ferraz datada de 31/3/81. A quantia disponível (Cr\$ 630.000,00) foi dividida em duas parcelas, levei comigo um cheque no valor de Cr\$360.000,00 e Cr\$40.000,00 em moeda, correspondente a primeira parcela.

Saímos de S.P. no dia 18/4/81 e em Brasília ficamos uma semana para obter uma 2ª via de minha carteira de identidade, necessário para abrir e movimentar a conta bancária em Marabá. Descemos para Belém para podermos alôzarmos sobre o oscilante comércio da castanha. O preço do hectolitro naquele dia (19/5/81) era de Cr\$1.700,00, preço que a 2ª Delegacia da Funai garantira para toda a safra dos suruí, já que ela (funai) havia feito uma concorrência e incluído a safra dos suruí, estimada em 700 hect. Na ida para Marabá paramos na aldeia dos índios Gaviões a fim de visitar Kokrenum, o líder, e saber de sua disposição em auxiliar os Suruí. Infelizmente, ele estava doente, com fortes sintomas de pneumonia. Pretendemos voltar numa outra ocasião em que estivesse recuperado para conversarmos sobre o assunto.

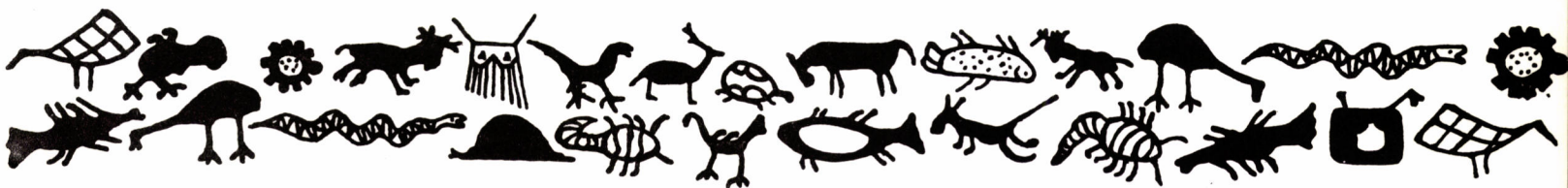


centro de trabalho  
INDIGENISTA

rua mato grosso, 412  
01239 · são paulo · brasil

Chegamos na área Surui no dia 6/5/81. Aproveitando o carro que fretamos em São Domingos do Araguaia (54Km da aldeia) levamos algum rancho prevendo as necessidades. A maioria das famílias estavam morando no local conhecido como Açaizal, distante da aldeia 5Km e na OP-2, estrada que corta a reserva, onde fizeram uma grande roça individualmente e estavam colhendo o arroz. Fomos muito bem recebidos. O carro da Funai de Marabá estava de saída com a mudança do chefe de posto Ferreira, que fora designado para exercer a chefia da ajudancia em Marabá. "Agora estamos tocando os serviços só, o Ferreira que estava ajudando, a Funai tirou", dizia Tiremé, o responsável pelos serviços.

A noite, já na aldeia, reunimos com Saverá-a (o capitão), Savarapi, Tibaku e outros na casa de Tiremé, desta reunião "as prioridades" foram levantadas e a nossa presença na aldeia foi assumida, caso o órgão tentasse impedir nosso trabalho. Convém lembrar que o próprio Ferreira, numa atitude de respeito à comunidade, prometeu dar todo o apoio: "Posso até prejudicar minha função aqui, mas se é prá ajudar aos índios, estou com vocês" disse-nos dias antes. A necessidade urgente de se transportar a castanha / para Belém pareceu mas prioritária, esta castanha estava depositada num paiol feito de tronco de açaí, a uns 300 metros da aldeia, além desta precária condição de armazenamento (em contato com a terra) servia de alimento fácil aos animais do mato e da aldeia e seu apodrecimento era notório. A 2ª Delegacia da Funai havia prometido mandar o caminhão dentro de 3 (tres) dias para o transporte desta castanha, enquanto se esperara esgotar estes dias, decidiu-se então comprar os burros, já que a colheita do arroz estava por terminar e o pessoal da comunidade entraria para mata. Faltava ainda colher a castanha de 3 castanhais, estimada em 200 hectolitros. Pensou-se inicialmente em comprar 5 (cinco) burros "do outro lado" (norte de Goiás) onde se poderia en



rua mato grosso, 412  
01239 · são paulo · brasil

encontrar burros novos a preços razoáveis. Como eram burros ainda "brabos", sendo necessário muito tempo amansá-los, resolveu-se comprar 04 (quatro) burros do próprio tropeiro que trabalhara para comunidade no transporte da castanha. Apesar de se pagar um preço alto por estes burros (com relação ao ano anterior) tinha-se em mãos uma tropa já acostumada com o trabalho e estarem arreados (com cangalhas). Os índios Puteme e Savarapí, "os tropeiros da aldeia" foram os responsáveis pela escolha dos burros e melhoramentos e renovação de arreios, sacarias, etc. ( Ver folha nº 01 da prestação de contas). O outro burro foi comprado de um vizinho, no S. Pedro completado assim uma tangida de 5 burros, somados aos 4 burros já existentes, possuem agora uma tropa de 9 (nove) burros quantidade ainda considerada insuficiente diante dos trabalhos de castanha, serviços de verão, além de ser o unico meio de transporté que os índios podem contar nas suas viagens e mesmo deslocamentos em caso de doença.

Passados os três dias prometido pela Funai de Belém e mais alguns, Tiremé foi à Ajudancia da Funai em Marabá afim de pressionar aquele órgão a cumprir o prometido, pois a castanha apodrecia e diminuía dia a dia. Desanimado diante de novas promessas, resolveu contratar um caminhão que pudesse transportar aquela castanha imediatamente. Fomos então na aldeia dos índios Gaviões, já que eles possuem um caminhão e pudessem dar uma força. Kokrenum já recuperado da doença, depois de propor a compra de toda castanha a um preço inferior ao mercado e insinuar que os Suruis iriam morrer de fome caso ficasse esperando a Funai, se dispôs a mandar o caminhão, bastando o acerto de preço com seu "conselheiro financeiro". Cutia depois de fazer umas contas na sua máquina de bolso, disse que só poderia fretar o caminhão ao preço de Cr\$400,00 por hectolitro, devido as condições precárias da estrada. Acertado. O caminhão iria buscar a castanha dentro de 5 dias, depois de terminar os serviços na nova aldeia. Voltamos prá aldeia levando conosco o

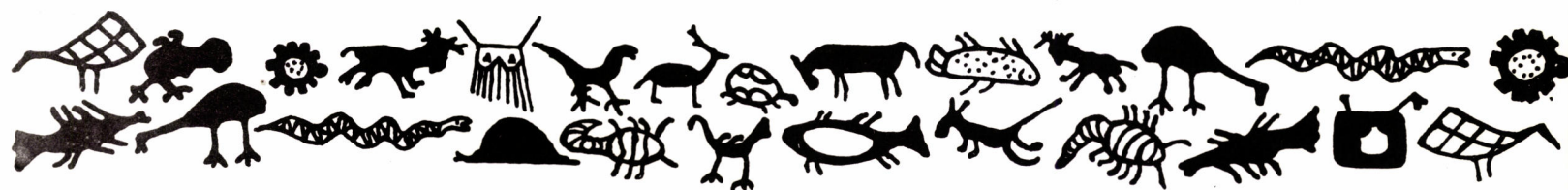


rua mato grosso , 412  
01239 · são paulo · brasil

Voltamos prá aldeia levando conosco o Noé (diretor do Campus Avançado da USP em Marabá) que se dispôs a fazer pessoalmente os exames de fezes junto a Kelma (minha mulher) que fazia vacinação da população (ver relatório anexo) e o rancho para o termino da colheita de castanha.

Com a compra dos burros, a venda e o transporte da castanha se concretizando criou força e ânimo. Tiremé propos contratar o trabalho de um regional para derrubada de 05 (cinco) alqueires de mata, enquanto os membros da comunidade fariam a roçagem das capoeiras existentes para plantio de capim (junto c/ arroz), criando desta maneira um pasto razoável para os animais ( 9 cabeças de gado e 9 burros). O "empreiteiro", já disponível para este trabalho seria um morador do Brejo Grande, compadre de Tiremé. Fizemos então, uma avaliação dos gastos até então, incluindo o frete do caminhão, e para assumir tal compromisso e outras atividades necessárias, solicitamos ao C.T.I que nos enviasse a quantia correspondente a 2ª e última parcela . Confirmado esta remessa em 19/5/81, contratou-se a derrubada dos 5 alqueires com "seu Antonio" ao preço de Cr\$20.000,00 por alqueire (preço regional), ele recebeu Cr\$60.000,00 como adiantamento ficando os restantes Cr\$40.000,00 para pagamento no término da derrubada em meados de agosto. Quantia que será necessária enviar. (Ver fls. nº 02 da prestação de contas ).

Começado a derrubada, a construção de um barracão para o depósito da castanha das próximas safras poderia ser feito. Este depósito seria construído principalmente por Tibaku - que possui conhecimentos de carpintaria adquirido em S.P. - auxiliado por seu irmão Tiremé, com a metragem de 8 metros e 45 cm de comprimento por 6 metros de largura, com paredes e piso de tábuas e telhado de cavaco. Depois de escolhido o local, atual lugar do paiol, por ser próximo ao Igarapé, facilitando a lavagem, e da aldeia, calculou-se que seria necessário 6m3 (seis metros cubicos) de tábuas.



centro de trabalho  
INDIGENISTA

rua mato grosso, 412  
01239 · são paulo · brasil

Fomos então a São Domingos para esperar o caminhão que transportaria a castanha e comprar as tábuas necessárias, aproveitando o transporte. Além da compra dos 6m<sup>3</sup> de tabuas, ao preço de Cr\$10.000,00 o m<sup>3</sup>, e dos ferros ( fechaduras, ferrolhos, etc) compramos rancho para os construtores, já que se ocupariam diariamente com este serviço durante 45 dias mais ou menos. (ver fls. nº 3)

Na viagem de volta, o caminhão, um mercedez tipo 1313 truckado, mostrou-se, aliado a falta de experiência do motorista, inviável para este tipo de estrada, devido a seu porte e as precarias condições da estrada. Faltando apenas 5 Km para chegarmos na aldeia, ele quebrou a cruzeta, onde ficou por 3 dias a espera da peça e do mecanico. Consertado, descarregou as tabuas que trazia e voltou para S. Domingos vazio, o motorista dos Gaviões, achou que não tinha condições para voltar carregado, arranjará um outro caminhão menor pra'carregar a castanha da aldeia até S. Domingos, onde estaria esperando para levar para Belém. O caminhão menor fez 2 viagens, levou um total de 250 hectolitros de castanha, pagou-se Cr\$ 22.000,00, que seria descontado do frete inicial ( Ver fls. nº 4 da prestação de contas).

Tiremé e Tamaré acompanharem o caminhão até Belém, onde aproveitará a viagem para solicitar do Delegado da Funai, a liberação da Toyota doada pelos indios Gaviões, que depois de usada pela Ajudancia de Marabá, hoje encontra-se abandonada no pátio da Funai, inexplicavelmente. Tiremé ficou surpreso quando o Delegado, Sr. Paulo César, disse que não passaria o veículo para os Suruis " pois pertence a Funai e vamos leiloar juntamente com outros veículos em desuso!! Disse também que o caminhão estava a disposição para ir buscar o restante da castanha. " Eles ficam com inveja quando estamos fazendo os serviços sem ajuda deles" disse-me Tiremé.

Entregue os 250 hectolitros de castanha a Cia. Beneficiadora J. Mutram ao preço de Cr\$ 1.700,00 por hect., cujo corte (percentagem de cast. estragadas) deu 23% (vinte e três por cento)devido ao tempo que ficou exposta



centro de trabalho  
INDIGENISTA

rua mato grosso, 412  
01239 - são paulo - brasil

exposta no paiol, consideramos encerrado e atingido os objetivos propostos.

Achamos de vital importância a continuidade da força política e do apoio financeiro que o C.T.I vem dando para que a Comunidade Indígena Sororó consiga dar prosseguimento ao seu processo atual de auto-determinação e independência. A comunidade acredita, diante disto, que possamos continuar com este trabalho.

São Paulo, em 21/06/81

Tiuré

Tiuré

Quero agradecer o companheirismo de Antonia Kelma, minha mulher, que sem o qual este trabalho seria impossível.

